

PESQUISA EM HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA INGLATERRA<sup>1</sup>  
*History of Education Research in England*

Gary McCulloch<sup>2</sup>

RESUMO

Esse texto examina alguns dos aspectos-chave da história da educação na Inglaterra no século passado. De modo especial, ele examina a historiografia tradicional da educação nacional que foi visivelmente robusta na primeira metade do século XX e os escritos sobre a relação entre educação e mudança social que adquiriram destaque na segunda metade desse mesmo século. Além disso, ele discute a tendência rumo à profissionalização e à especialização que vem progressivamente caracterizando o campo na Inglaterra, bem como a emergência de uma infra-estrutura, baseada na sociedade nacional, em revistas e na rede de conferências.

**Palavras-chave:** Sociedade, mudança, igualdade, profissionalização, especialização

ABSTRACT

This text examines some of the key features of history of education research in England over the past century. In particular, it explores the traditional historiography of national education that was especially potent in the first half of the twentieth century, and writings on the relationship between education and social change that became prominent in the second half. It also discusses the trend towards professionalisation and specialisation that has increasingly characterised the field in England, and the emergence of an infrastructure based on a national society, journal and conference network.

**Keywords:** Society, change, equality, professionalization, specialisation

---

<sup>1</sup> A tradução do inglês para o português é de autoria do Prof. Dr. Osvaldo Freitas de Jesus que é graduado em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas, com mestrado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1981), mestrado em Literatura Inglesa - Boston College (1976), mestrado em Teologia - Weston School of Theology (1976) e doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (1985). Atualmente é professor aposentado pela Universidade Federal de Uberlândia e docente da Universidade Presidente Antônio Carlos (Minas Gerais). E-mail: freitasdejesus.osvaldo09@gmail.com

<sup>2</sup> Instituto de Educação, Universidade de Londres. E-mail: G.McCulloch@ioe.ac.uk  
Institute of Education, University of London

This text seeks to contribute to an understanding of history of education research in England by examining some of its key features over the past century. It has developed in some ways consistently with dominant trends in the field internationally, but has also exhibited significant particularities in its history that differ from those elsewhere. Writings on the history of education in England over the past century have been dominated by two competing traditions. The first was a traditional historiography of national education that flourished in the first half of the twentieth century. The second can be traced at least to the late 1930s and the work of Fred Clarke, then the director of the Institute of Education at the University of London. Clarke's approach was based in sociology as well as history, and it was the linkage between these dimensions in the history of education that became a noticeable aspect of significant new work after the Second World War. At the same time, this new literature was also concerned to understand and engage with specifically educational problems. The chief focus of this work was the extent to which education could promote social change, and it was this that challenged and began to undermine the older approaches to the history of education that had previously been dominant. It also generated significant concern with the promotion of social equality, represented especially in the work of Brian Simon. Recent and current research in the field has become increasingly professionalised and specialised in nature, with the development of a strong national infrastructure with a history of education society and research journal, but has continued to seek to build on and to be informed by these successive aims, as well as to search for new directions.

History of education research in England has been the subject of a number of critical reviews over the past decade. These began with an edited collection on history of education in the 21<sup>st</sup> century (Crook and Aldrich 2000), which was itself reviewed critically by the historian of education Marc Depaepe (Depaepe 2003). The present author has presented a number of reviews on the state of the art of the history of education in England, including a reader (McCulloch 2005a) and a paper exploring current issues and developments (McCulloch 2005b). This work has culminated in a book exploring competing transitions in the national and international fields, The Struggle for the History of Education (McCulloch 2011). The international journal History of Education, based in Britain, has also assessed changes in the field (for example Goodman and Martin 2004; Crook and Raftery 2009. Goodman and Grosvenor (2009) have discussed the position of history of education research in the context of educational research in Britain.

### Origins of the field

The traditional historiography of education in Britain was fairly typical of the writing that developed on this topic in different countries in the first half of the twentieth century. This work tended to be quasi-scientific in its regard for 'facts', liberal-progressive in its optimistic narrative of gradual social progress, and uncritical of the

Esse texto procura contribuir com um determinado entendimento de pesquisa em história da educação na Inglaterra através do exame de alguns aspectos-chave do século passado. Esse entendimento tem se desenvolvido, de certo modo, consistente com as tendências dominantes no campo da internacionalidade, mas também apresentado particularidades significativas em sua história que diferem de outros lugares. Escritos sobre história da educação na Inglaterra no século passado têm sido dominados por duas tradições em competição. A primeira foi a historiografia tradicional da educação nacional que floresceu na primeira metade do século XX. A segunda pode ser localizada no mínimo nos idos 1930s com o trabalho de Fred Clarke, na ocasião, o diretor do Instituto de Educação da Universidade de Londres. O enfoque de Clarke estava baseado na sociologia e na história e era a ligação entre essas dimensões na história, a qual se tornou um aspecto importante de um importante trabalho novo depois da Segunda Guerra Mundial. Nesse mesmo tempo, essa literatura também se preocupava com o entendimento e engajamento com problemas específicos. O foco principal era até que ponto a educação poderia promover a mudança social e esse ponto desafiava e começava a minar os enfoques antigos da história da educação que eram anteriormente predominantes. Esse enfoque produziu também significativa preocupação com a promoção da igualdade social, representado especificamente no trabalho de Brian Simon. A pesquisa recente e atual no campo vem se tornando progressivamente profissionalizada e especializada em sua natureza, com o desenvolvimento de uma forte infra-estrutura de história da educação e de periódicos de pesquisa, a qual, contudo, tem procurado continuar a se constituir e a ser informada por objetivos sucessivos, bem como procurar novas direções.

A pesquisa em história da educação na Inglaterra foi tema de um número de revisões críticas na década passada. Elas começaram com uma coleção de história da educação no século XXI (CROOK e ALDRICH, 2000), a qual foi resenhada criticamente pelo historiador da educação Marc Dapaepe (DAPAEPE, 2003). O autor desse artigo, Gary McCulloch, apresentou um número de resenhas sobre o estado da arte na área da história da educação na Inglaterra. Inclusive uma coletânea (McCULLOCH, 2005a) e um *paper*, tratando de assuntos e desenvolvimentos atuais (McCULLOCH, 2005b). Esse trabalho culminou em um livro que trata de transições em competição no campo nacional e internacional. “*The Struggle for the History of Education*” (McCULLOCH, 2011). O periódico internacional *Journal History of Education*, centrado na Inglaterra, tem detectado mudanças nesse campo (v.g, GOODMAN e MARTIN, 2004; CROOK e RAFTEY, 2009). Goodman e Grosvenor (2009) têm discutido a posição da pesquisa em história da educação no contexto da pesquisa em educação na Inglaterra.

### Origens da Área Acadêmica

A tradicional historiografia da educação na Inglaterra assemelha-se aos textos que foram produzidos em outros países na primeira metade do século XX. Esse trabalho apresentava tendência de ser quase científico sob o ponto de vista dos “fatos”, liberal-progressivos na sua narrativa otimista do progresso social gradual e acrítico sobre as

contributions of administrators and teachers in the development of schooling. Gordon and Szreter (Gordon and Szreter 1989b), introducing an edited collection of writings in the history of education with particular reference to Britain, noted in retrospect three specific criticisms of this approach. First, it had an excessive emphasis on thinkers and writers, often with ‘little reference to the period and the social environment in which they wrote’, and failing to appreciate ‘the gap between their noble and elevated schemes and the actual educational realities of the day’ (Gordon and Szreter 1989a, p. 6). Second, according to Gordon and Szreter,

[...] there was overmuch concern with educational legislation, detailed provisions of Acts of Parliament and of the personalities involved in their promotion, rather than dealing with important questions arising out of legislation such as its timing, adequacy or ideological hue (Gordon and Szreter 1989a, p. 6).

Third, they argued, too much emphasis was given to the study of formal educational institutions rather than informal education, especially elite institutions such as the universities of Oxford and Cambridge and the leading Victorian ‘public’ (independent) schools, and often in uncritical or eulogistic fashion.

Underlying all of these criticisms was dissatisfaction with the descriptive as opposed to analytical tone of much of this traditional writing, and a general lack of sophistication, stimulation and breadth (Gordon and Szreter 1989a, pp. 6-7). With the benefit of hindsight, traditional writing in the history of education had also lacked critical insight into the complex relationship between education on the one hand and social change on the other.

Before the 1930s, historical studies of education in England, and in Britain as a whole, had been few and far between. In 1914, Arthur Leach, himself a historian of medieval education, went so far as to comment that ‘no attempt has yet been made at any history of education in England’, and suggested at this time of anti-German agitation that ‘English writers, so far as they have dealt with the subject at all, have done their best to support the cult of German culture, and have ignored alike their own educational history and educational institutions.’ (Leach 1917, p. 2). Those that were produced failed to engage critically with social inequalities and differences. At their worst, indeed, they had combined an impregnable complacency about the virtues of the emerging education system with blindness to its defects. Some works, such as Graham Balfour’s study of the education systems of Great Britain and Ireland at the beginning of the century, set out to do no more than create what Balfour himself described as an ‘impartial and even tedious catalogue of existing agencies’, dealing only with the ‘dry bones’ (Balfour 1903, pp. v-vi). Others, especially in the interwar period, identified some major social issues such as the historic tensions between the State and the Church, but remained largely indifferent to socio-economic inequalities.

One key figure in the history of education in Britain at this time was John Adamson, professor of the history of education at King’s College London from 1903 until 1924.

contribuições dos administradores e dos professores no desenvolvimento do processo escolar. Gordon e Szreter (1989b), introduzindo uma coleção de textos em história da educação, com referência particular à Inglaterra, observam três aspectos específicos de crítica sobre esse enfoque. Primeiramente, há uma ênfase nos pensadores e nos autores, com pequena referência ao período e ao ambiente social no qual foi escrito, bem como uma falha ao apreciar “o intervalo entre os esquemas nobres e elevados e a realidade educacional do período” (GORDON e SZRETER, 1989a, p. 6). Em segundo lugar, de acordo com Gordon e Szreter,

[...] havia uma preocupação exagerada com legislação educacional, provisões detalhadas dos Atos do Parlamento e das personalidades envolvidas com a própria promoção, em vez de tratar de questões importantes surgidas de dentro da legislação, tais como, contexto, adequação ou aspectos ideológicos (GORDON e SZRETER, 1989a, p. 6).

E em terceiro lugar, eles enfatizam de maneira exagerada o estudo formal das instituições educacionais, em vez da educação informal, especialmente as elites institucionais, tais como, as universidades de Oxford e Cambridge, bem como as escolas independentes do público vitoriano, em geral de uma maneira acrítica e no estilo encomiástico.

Subjacente a essas críticas, percebe-se a insatisfação com o tom descritivo em oposição ao tom dos textos tradicionais e à falta de sofisticação e abrangência (GORDON e SZRETER, 1989a, p. 6-7). Com uma visão retrospectiva, os textos tradicionais sobre história da educação também carecem de uma perspectiva crítica sobre a complexa relação entre educação, por um lado, e mudança social, por outro lado.

Antes da década de 30, os estudos históricos de educação na Inglaterra e no Reino Unido, como um todo, eram mínimos e raros. Em 1914, Arthur Leach, um historiador de educação medieval, fez o comentário seguinte: “nenhuma tentativa foi feita na história da educação na Inglaterra”, sugerindo, no período da agitação alemã, que “os historiadores ingleses, até então, tinham feito o melhor que podiam para enaltecer o culto à cultura germânica, ignorando, desse modo, a própria história da educação e instituições educacionais” (LEACH, 1917, p. 2). Os textos que eram produzidos não se envolviam com as questões da desigualdade social e diferenças. Pior de tudo, eles estavam impregnados com uma complacência contagiante sobre as virtudes do sistema emergente de educação e eram cegos para com os defeitos do mesmo. Alguns trabalhos, tais como, os estudos do sistema de educação da Inglaterra e da Irlanda de Graham Balfour, no começo do século, pouco fizeram além daquilo que Balfour havia classificado como “catálogo imparcial e tedioso das agências existentes”, lidando apenas com o “restolho dos fatos” (BALFOUR, 1903, p. v-vi). Outros, especialmente no intervalo entre as guerras, identificaram algumas questões sociais, tais como as tensões entre o Estado e a Igreja, mas permaneceram indiferentes às desigualdades sociais.

Uma figura marcante na história da educação na Inglaterra foi John Adamson, professor de história da educação no King’s College de Londres de 1903 até 1924.

Adamson produced textbooks of the history of national education that typified the field. *A Short History of Education* (Adamson 1919) presented a detailed overview of the development of education in England from the Middle Ages to the end of the nineteenth century. He recognized that his scope was limited to schools and formal educational institutions, but defended this by noting ‘that these institutions exist and that they have a history’ (Adamson 1919, p. v). He also acknowledged that he was concerned with developments at a national level. Since there were so many differences between national systems around the world, he argued, ‘the history of education is best narrated under national forms, an arrangement which is also convenient for study and indispensable for research’ (Adamson 1919, p. v). However, he also attempted to relate the history of education in England to the broad trends of western education based on Greek philosophy, the Roman Empire and the Christian Church. His work set out to trace the origins of modern public education to the early days of Christianity, and culminated with what he regarded as the founding of a national system of education in the years following the Elementary Education Act of 1870 (see also Adamson 1930).

Adamson’s underlying theme of gradual social progress was taken up and promoted further in the work of G.A.N. Lowndes, himself a local educational official. This set out to demonstrate the changes brought about through the development of public education in the early decades of the twentieth century, which it described in ringing tones as a ‘silent social revolution’ (Lowndes 1937/1969). The building of a system of public education over this time, he argued, made possible the expansion of secondary education beyond a tiny elite group, the emancipation of elementary education from the strict regulations of the nineteenth century, the spread of technical and further education, and the emergence of special services such as medical inspection, special schools for the deaf and blind, and the provision of school meals. According to Lowndes, the people of England and Wales were ‘transformed’ during this period into ‘a school-taught and substantially literate people’ (Lowndes 1937/1969, p. 180), and made clear progress towards becoming an ‘educated democracy’ (Lowndes 1937/1969, p. 185). As a direct outcome, he claimed, the society as a whole was ‘continuously moving, like a biological species, from the unspecialized and undifferentiated to the specialized and differentiated’, while the expansion of public education also formed ‘a principal foundation for innumerable new forms of cultural, scientific, and physical activity’ (Lowndes 1937/1969, p. 183).

Thus, writings on the history of education in Britain in the early decades of the twentieth century were generally of the national ‘Acts and facts’ textbook variety. Their conception of the relationship between education and social change was limited to a celebration of a ‘silent social revolution’ engendered by a national system of formal education, and showed scant regard for broader historical and social scientific developments in related fields. They formed a dominant tradition in the field that was to endure well into the 1950s and 1960s. Yet by the 1930s there was clear evidence of a struggle for the future of the field.

Adamson produziu manuais de história da educação nacional que tipificaram a área da história. Uma Pequena História da Educação (ADAMSON, 1919), por exemplo, apresenta um panorama geral do desenvolvimento da educação na Inglaterra desde a Idade Média até o final do século XIX. Ele reconheceu que seu objetivo limitava-se às escolas e instituições de educação formal, mas defendeu isso, observando “que essas instituições existem e que elas têm uma história” (ADAMSON, 1919, p. v). Ele admite ainda que procurou relacionar a história da educação da Inglaterra com as amplas tendências da educação ocidental, baseadas na filosofia grega, no Império Romano e na Igreja Cristã. Seu trabalho começou a embasar as origens da educação pública moderna nos primórdios do cristianismo e culminou com aquilo que é considerado o fundamento do sistema de educação nacional nos anos seguintes ao Ato da Educação Elementar de 1870 (ADAMSON, 1930).

O tema subjacente à ideia de progresso gradual de Adamson foi posteriormente trabalhado por G. A. N. Lowndes, ele mesmo era um educador oficial local. Essas iniciativas começaram a evidenciar as mudanças, provocadas pelo desenvolvimento da educação pública nas primeiras décadas do século XX, chamadas de “revolução social silenciosa” (LOWNDES, 1937/1969). A construção de um sistema de educação pública, naquele tempo, argumenta ele, permitiu a expansão da educação secundária para além de um grupo de uma diminuta elite, o distanciamento da educação elementar das severas regras do século XIX, o crescimento da educação técnica e avançada, bem como o aparecimento de serviços especiais, tais como, a inspeção médica, escolas especiais para cegos e surdos e ainda o fornecimento de alimentação na escola. De acordo com Lowndes, o povo da Inglaterra e do País de Gales transformaram-se durante esse período, tornando-se alfabetizados (LOWNDES, 1937/1969, p. 180) e viabilizou o progresso rumo à “democracia educada” (LOWNDES, 1937/1969, p. 185). Como desdobramento direto, ele diz, a sociedade como um todo se manteve em movimento, tal qual uma espécie biológica, indo de um sistema indiferenciado e não especializado para um diferenciado e especializado. Nesse ínterim, a expansão da educação pública também edificou as bases para inúmeras formas novas de atividade cultural, científica e física (LOWNDES, 1937/1969, p. 183).

Por muitas razões, os escritos sobre a história da educação na Inglaterra nas primeiras décadas do século XX atribuem a uma variedade nacional de “Atos e Fatos”. Seu entendimento da relação entre educação e mudança social limitava-se a atribuir a “revolução social silenciosa” ao papel importante do sistema formal de educação, raramente alcançando os desenvolvimentos históricos e científico-sociais, existentes em áreas relacionadas. Eles formaram uma tradição dominante no campo que seria capaz de permanecer até os anos de 1950 e 1969. Entretanto, já nos anos de 1930, existia evidência clara na luta pelo futuro da área acadêmica.

### From Clarke to Simon

It was during the 1930s that a significant and sustained attempt to develop an alternative approach to the history of education began to be developed, and this was associated with the Institute of Education at the University of London. The director of the Institute from 1936 until 1945, Fred Clarke (Sir Fred from 1943), was trained as both a sociologist and a historian (Aldrich 2002, pp. 90-91). King's College London maintained its preeminence in the history of education which was to last throughout the post-war years under Professor A.V. Judges, and then under Professor Kenneth Charlton from 1972 until his retirement in 1983 (Aldrich 2009). Nevertheless, Clarke's leadership at the Institute encouraged closer connections to be drawn between education, history and the social sciences. In particular, he developed his own efforts to cultivate a new approach to the history of education that would involve a more critical understanding of the relationship between education and social change.

Clarke's main contribution, a short book entitled *Education and Social Change* (Clarke 1940), set out to examine how the English educational tradition, so secure in its general features for many years, should adapt to the challenge of world war and to the changing circumstances of the future. This led him to develop 'an interpretation, conscious and deliberate, in terms of a social economic history, and then, in the light of that interpretation, to estimate the capacity of the English educational tradition to adapt itself without undue friction or shattering to the demands of a changed order' (Clarke 1940, p. 1). Clarke argued that this entailed trying to understand the historical determinants of English education, that is, 'the nature of the social influences by which the forms of English educational institutions have been determined and their practical objectives defined' (Clarke 1940, p. 4). In particular, he observed, 'the mass of the English people have never yet evolved genuine schools of their own', as they had always been 'provided for them from above, in a form and with a content of studies that suited the ruling interests'. This tradition of 'schooling the many for the service and convenience of the few' continued to influence the nature of education, according to Clarke, and was not easy to throw off (Clarke 1940, p. 43). Moreover, he identified three separate, segregated education systems within the English education system, which he likened to the 'Free Front Door', the 'Side Entrance', and the 'Front Door on Conditions' – routes based on social rather than educational differences – and he concluded in magisterial fashion: 'We can hardly continue to contemplate an England where the mass of the people coming on by one educational path are to be governed for the most part by a minority advancing along a quite separate and more favoured path.' (Clarke 1940, pp. 43-44).

Clarke was a liberal thinker who regarded ideas of a rigid class structure as 'distracting', emphasised the value of adapting existing traditions to new times, and called for both courage and caution, 'lest hasty revolutionary impulses should lead to the destruction of much that is valuable and capable of incorporation into the new order' (Clarke 1940, p. 48).



## De Clarke a Simon

Durante a década de 30, uma tentativa significativa e continuada começou a desenvolver um enfoque alternativo para a história da educação, associada ao Instituto de Educação da Universidade de Londres. O diretor do Instituto entre 1936 e 1945, Fred Clarke (Senhor Fred de 1943), fora educado como sociólogo e historiador (ALDRICH, 2002, p. 90-91). O King's College de Londres manteve sua liderança na história da educação, a qual permaneceria no período depois da guerra sob a direção do Professor A. V. Judges e posteriormente sob a direção do Professor Kenneth Charlton de 1972 até sua aposentadoria em 1983 (ALDRICH, 2009). Entretanto, a liderança de Clarke no Instituto encorajou laços entre educação, história e as ciências sociais. De forma especial, ele empreendeu seus próprios esforços para cultivar um novo enfoque de história da educação, o qual requeria um entendimento mais crítico da relação entre história e mudança social.

A contribuição maior de Clarke, com um pequeno livro, intitulado Educação e Mudança Social (CLARKE, 1940), examina como a tradição educacional inglesa, tão segura em muitos aspectos e por tantos anos, deveria adaptar-se ao desafio da Guerra Mundial e as circunstâncias novas do futuro. Esse fato levou-o a apresentar “uma interpretação consciente e deliberada, em termos de uma história social e econômica, e assim, sob a luz dessa interpretação, avaliar a capacidade da tradição educacional inglesa, no sentido de se adaptar sem ranhura e choque às demandas da ordem de mudança” (CLARKE, 1940, p. 1). Clarke argumentava que, isso provocaria o entendimento das determinantes históricas da educação inglesa, isto é, “a natureza das influências sociais, por meio das quais, as instituições inglesas de educação tiveram seus objetivos práticos definidos” (CLARKE, 1940, p. 4). De modo particular, ele observou que “a grande maioria do povo inglês nunca teve uma escola genuína”, visto que ela sempre “foi imposta de cima para baixo, com um formato e com um conteúdo de estudos que atendessem aos seus anseios”. Essa tradição de “escola para muitos, mas do interesse de poucos” continuou a influenciar a natureza da educação, de acordo com Clarke e isso não foi fácil de mudar (CLARKE, 1940, p. 43). Além do mais, ele identificou três sistemas de educação segregada dentro do sistema de educação inglês, os quais classificou como “portas da frente abertas”, “entrada pelo lado” e “porta da frente sob condições” – caminhos baseados no social em vez das condições educativas – e ele concluiu de maneira magistral: “Nós não podemos continuar a aceitar uma Inglaterra, na qual, a maioria do povo que vem para a escola seja governado por uma minoria e siga uma rota diferente daquela que segue essa minoria com seus privilégios (CLARKE, 1940, p. 43-44).

Clarke era um pensador liberal que considerava as idéias de estrutura de classes sociais prejudiciais e enfatizava o valor de se adaptar as tradições existentes nos tempos atuais, pedindo coragem e cautela “pois impulsos revolucionários levariam à destruição daquilo que pode ser compatível e incorporado na nova ordem” (CLARKE, 1940, p. 48).

He was also devoutly religious in his beliefs, and indeed his book Education And Social Change was published in a series of Christian News-Letter Books whose general purpose was designed ‘to assist thought upon the relation of the Christian faith to present problems’ (Clarke 1940, General Preface). He was sensitive to the subtleties of English social differences, discreet in his criticisms of individuals, and willing to compromise in the pursuit of long term reform – all qualities that helped him to become the first chairman of the Central Advisory Council of the new Ministry of Education, and to play a key role in the early development of the postwar education system.

In the context of the historiography of education, however, Clarke provided a markedly radical contribution in forging a key connection between education, history and sociology. This represented a robust challenge to the dominant tradition in the history of education, although the latter continued to be uppermost. He demonstrated the complex and problematic nature of the relationship between education and social change in a way that was intellectually challenging and engaging. Clarke was not able to fulfil his further ambitions to complete a full and detailed history of education on these lines, but left this opportunity for others to follow. His outline of educational and social relationships over time also highlighted the historical nature of the inequalities involved in the education system, between private and public education for example, and between different types of school. These were features that were open to further interpretation in the years after the Second World War.

Liberal perspectives continued to be prominent in educational historiography after the War. For example, Curtis (1948) was a textbook in the traditional style that portrayed the history of education unproblematically as a story of continual improvement and refinement led by a partnership between the education profession and the benign nation state, and promoting social harmony and increasing economic prosperity over the longer term. The standard line taken by histories of education continued to emphasise the gradual social progress associated with the spread of modern schooling. One notable example of this was a collection of papers under the title Pioneers of English Education based on a series of lectures presented in 1951 and edited by A.V. Judges, the professor of the history of education at King’s College London (Judges 1952a). Judges argued in his introduction to this work that the education system in England had benefited from the pioneering efforts of English reformers in the nineteenth century, as opposed to the Continental educators who had hitherto received most of the credit for experimental and radical approaches (Judges 1952b).

None of this impressed one stern critic, writing anonymously in an obscure journal. In a trenchantly critical review of Judges’ book, this author demanded:

Is the history of education important? Students are given it at college and university, teachers at refresher courses. Today, more and more books are being written, courses of public lectures organised. Clearly it is considered important. But the question is: what sort of history? (Anon. [Simon] 1953).

Ele era extremamente dedicado às suas crenças religiosas e, na verdade, seu livro Educação e Mudança Social foi publicado em uma série de Livros e de Cartas-Informativas Cristãs, cujo objetivo era “orientar o pensamento sobre as relações entre fé cristã e os problemas atuais” (CLARKE, 1940, Prefácio Geral). Ele era sensível às sutilezas das diferenças sociais inglesas, discreto em suas críticas a indivíduos e sempre disposto a negociar na luta por uma reforma – todas as qualidades que o ajudaram a se tornar o primeiro presidente Conselho de Orientação Central do novo Ministério da Educação e a desempenhar um papel decisivo no desenvolvimento do sistema de educação pós-guerra.

No contexto da historiografia da educação, contudo, Clarke contribuiu significativamente para criar uma conexão-chave entre história da educação e sociologia. Isso representou um grande desafio para a tradição na história da educação, embora a última continuasse a ser predominante. Ele demonstrou a complexidade e a natureza problemática da relação entre educação e mudança social de tal modo que parecia simpática e envolvente. Clarke não foi capaz de realizar seus desejos de completar uma história da educação detalhada, mas deixou a oportunidade para outros que o seguiram. Seu resumo sobre as relações educacionais e sociais ao longo do tempo também esclareceram a natureza histórica das igualdades, envolvendo o sistema de educação, entre a educação pública e privada, por exemplo, e entre tipos diferentes de escola. Essas foram as marcas que serviram para produzir outras interpretações nos tempos depois que seguiram à Segunda Guerra Mundial.

Perspectivas liberais continuaram em destaque historiografia depois da guerra. Por exemplo, Curtis (1948), um texto de estilo tradicional, identificava a história da educação de maneira não problematizada como a melhoria e o aperfeiçoamento, conduzidos pela profissão da educação e pelo estado de nação generosa bem como promovendo a harmonia social e o desenvolvimento econômico e prosperidade ao longo do tempo. A linha oficial mantida pela história da educação continuou a enfatizar o progresso social gradual e a aumentar o contingente de escolas modernas. Um exemplo, a ser destacado, é a coleção de textos com o título, Pioneiros da Educação Inglesa, baseado em uma série de conferências, apresentadas em 1951 e editadas por A. V. Judges, o professor de história da educação do King’s College (JUDGES, 1952a). Judges argumentou, na introdução de seu livro, que o sistema de educação na Inglaterra havia se beneficiado dos esforços pioneiros dos reformadores ingleses no século XIX, o que não aconteceu com os educadores do continente europeu, os quais, até então, tinham ganho reconhecimento por enfoques radicais e experimentais (JUDGES, 1952b).

Nada disso, entretanto, impressionou um crítico severo, escrevendo anonimamente em um jornal obscuro. Em uma análise crítica do livro de Judges, esse autor disparou:

A história da educação é importante? Os estudantes utilizam-na na faculdade; professores fazem o mesmo nos cursos de atualização. Hoje, mais livros têm sido escritos; cursos com conferências públicas são organizadas. Tudo isso é muito importante. Mas vem a pergunta: qual modalidade de história? (ANON. (Simon), 1953).

This review is among the papers in the Brian Simon archive at the Institute of Education London, and it bears his unmistakable style and message. Simon drew on Fred Clarke's approach to the history of education by exploring the relationship between education and social change, but he took it further with an emphasis on social equality.

Brian Simon was by common consent the most significant historian of education produced in Britain over the past century. He published a very large corpus of work from the 1950s onwards, continuing through a rapidly changing educational, social and political context into the early twenty-first century. His key historical work, for which he is most widely known, is a four volume history of education in Britain since 1780, of which the first volume was published in 1960 and the final one in 1991 (Simon 1960, 1965, 1974, 1991). This was one of a large number of important contributions to the field. He was an early leader of the History of Education Society in Britain from its foundation in 1967, as well as President of the new British Educational Research Association in 1977-78, and also helped to establish the International Standing Conference for the History of Education (ISCHE) in the 1970s. Probably his greatest achievement was in developing a rationale for the history of education that built further on the idea that it should be based in the relationship between education and social change that was current in Britain in the 1940s and 1950s (see also Simon's published memoir, Simon 1998; also Cunningham and Martin 2004).

Exploring the relationship between education and social change offered new opportunities as a rationale for the study of the history of education and as a basis for critical scholarship. It also provided scope for different interpretations about the nature of this relationship. In the 1950s and 1960s, Simon developed a potent line of argument within this broad outlook that took the field into a new direction in the British context, with significant implications also in other countries. Simon strongly supported the view that the history of education should be about the relationship between education and social change. As a Marxist, however, he interpreted this relationship specifically in a framework of social class conflict, with the ultimate end being social equality and the liberation of the working class. As Rattansi and Reeder have argued, Simon regarded the struggle for the history of education in activist terms, as being not simply academic in nature but also political and ideological (Rattansi and Reeder 1992). The aim was not only to discredit the traditional liberal-progressive historiography, but to encourage broad support for an argument that would actively promote the attainment of social equality for all (see also McCulloch 2010).

There has been much research in more recent times that has sought to build on these insights into the historical relationship between education and the wider society. One such initiative has been a seminar series funded by the Economic and Social Research Council on 'Social change in the history of education' (Goodman et al 2008). This examined the many potential dimensions of this dynamic relationship, in areas as diverse as the professions, the economy, learning and teaching, the working class, girls' schooling, women's movements, higher education, disability, reading, and the marginalized.

Essa nota crítica está entre os textos dos arquivos de Brian Simon no Instituto de Educação de Londres, a qual se destaca pela mensagem e pelo estilo. Simon inspirou-se no enfoque de história da educação de Fred Clarke, ao explorar a relação entre educação e mudança social, porém foi mais radical, enfatizando a igualdade social.

Brian Simon era unanimemente considerado o mais importante historiador de educação na Inglaterra no século passado. Ele publicou amplo corpus de trabalho a partir da década de 1950, na esteira do contexto das mudanças educacionais, sociais e políticas até o começo do século XXI. Seu mais destacado trabalho, aquele que lhe deu nome, é um conjunto de 4 volumes em história da educação, publicado entre 1960 e 1991 (SIMON, 1960, 1965, 1974, 1991). Essa foi uma das maiores contribuições feitas no ramo da história da educação. Ele foi um dos primeiros líderes da sociedade de História da Educação na Inglaterra, desde sua fundação em 1967, bem como presidente da nova Associação Inglesa de Pesquisa Educacional no período 1977-78. Ele contribuiu também para a consolidação Conferência Internacional de História da Educação (SCHE) na década de 70. Provavelmente, seu maior empreendimento foi ter desenvolvido parâmetros para a história da educação, os quais, posteriormente, encaixaram-se na ideia da relação entre a educação e mudança social vigente na Inglaterra entre 1940 e 1950 (cf. também as memórias de SIMON, 1998; também CUNINGHAM e MARTIN, 2004).

Explorando a relação entre educação e mudança social, novas oportunidades foram oferecidas como parâmetro para o estudo de história da educação e base também para a crítica acadêmica. Do mesmo modo, dotou-se de escopo as diferentes interpretações acerca da natureza dessa relação. Nas décadas de 50 e 60, Simon desenvolveu uma forte linha de argumentação dentro desse amplo cenário, a qual conduziu a nova tendência para o contexto britânico com implicações importantes também em outros países. Simon apoiou a ideia de que a história da educação devesse focar a relação entre educação e mudança social. Como marxista, contudo, ele considerou essa relação especificamente no contexto de conflitos de classes sociais com o fim último de igualdade social e libertação da classe trabalhadora. Como Rattansi e Reader mostram, Simon encarava a luta de classe não como uma mera questão acadêmica para a história da educação, mas, sobretudo, como elemento ideológico e político (RATTANSI e READER, 1992). O objetivo não era apenas desacreditar a tradicional historiografia liberal-progressiva, mas especialmente fortalecer o argumento de se promover a igualdade social para todos (McCULLOCH, 2010).

Muitas pesquisas têm surgido nos últimos tempos, as quais procuram se apoiar sobre a relação entre educação e uma visão mais ampla de sociedade. Tais iniciativas têm redundado em fecundas séries sobre mudança social na história da educação, apoiadas pelo Conselho de Pesquisa Social e Econômica (GOODMAN *et al.*, 2008). Elas examinam as diversas dimensões dessa dinâmica relação, em diferentes áreas profissionais, tais como, a economia, a aprendizagem, o ensino, as classes trabalhadoras, a educação feminina, os movimentos femininos, a educação superior, a invalidez, a leitura e o tema dos não-incluídos.

### A professionalized and specialized field

The history of education as a research field has sustained itself over the past forty years partly through the cultivation of an environment that supports a distinct and discrete community of scholars and practitioners with its own infrastructure, debates and dynamics. This has created an infrastructure for its development, and has generated not only conferences and other events but also journals and more informal networks that have provided collegial support and stimulated new developments. It has facilitated the consolidation of a research field that is professionalized and specialized in nature.

A History of Education Society was formed in December 1967 at a conference held at the City of Liverpool C.F. Mott College of Education, attended by 150 participants who were mainly teachers of the subject in colleges and departments of education. The leading British historians of education of the time, Professors Harry Armytage (University of Sheffield) and Brian Simon (University of Leicester) lent their authority to the initiative by opening the conference. They referred in this to ‘the growing interest in the history of education, particularly since the establishment of the Bachelor of Education degree’ (History of Education Society 1968, p. 2). They also suggested possible new approaches to the subject, which Professor Kenneth Charlton, then of the University of Birmingham, pursued further in a subsequent address to this conference. The remainder of the conference was devoted to a discussion of current syllabuses in colleges and departments of education, and with a lecture on the relationship between Church and State (History of Education Society 1968, p. 2). The formal aims of the Society, which aimed to cover the United Kingdom as a whole, were declared as being to further the study of the history of education, to provide opportunities for discussion among those engaged in its study and teaching, to organise conferences and meetings, and to publish a bulletin (see McCulloch 2007). The establishment and growth of the History of Education Society were significant indicators that the research field was becoming increasingly organized at a national level on a professional basis.

The British HES was rooted in new developments in teaching, at least as much as it was in research. It was similarly associated with the concerns of educationalists who were based in university education departments and colleges of education, more clearly than it was with those of historians in university history departments. William Richardson has argued that there developed a dichotomy in the field of the history of education between two cultures, historians on the one hand and educationists on the other (Richardson 1999). On this view, the field of education, based on applied knowledge, professional concerns and present issues, has been distinct from the discipline of history, which has concerned itself solely with the academic study of the past. Nevertheless, early leaders of the Society such as

## Um Campo Profissionalizado e Especializado

A historiada educação, como um campo de pesquisa, tem se mantido nos últimos quarenta anos em parte através do cultivo de um ambiente que apoia uma comunidade discreta e distinta de intelectuais e praticantes, com sua própria infraestrutura, debates e dinâmica. Isso permitiu a criação de uma base para seu desenvolvimento produziu não apenas conferências e outros eventos, mas também jornais e redes informais que proporcionam apoio universitário bem como novos desenvolvimentos. Facilitou-se assim a consolidação do campo de pesquisa que está profissionalizado e especializado em sua natureza.

A História da Sociedade de Educação teve seu início em Dezembro de 1967, na conferência do Colégio C. F. Mott, na cidade de Liverpool, na qual estiveram presentes 150 participantes, na maioria professores de história da educação em faculdades e em departamentos de educação. Os historiadores ingleses de educação, líderes na época, Prof. Harry Armytage (Universidade de Sheffield) e Brian Simon (University de Leicester), colocaram seu prestígio na abertura do evento. Eles reconheceram que havia um crescente interesse por história da educação, particularmente com a criação do grau de bacharelado em Educação (SOCIEDADE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1982, p. 2). Eles abordaram também outros enfoques novos para o assunto, sobre o qual, o Prof. Kenneth Charlton, na ocasião, ligado à Universidade de Birmingham, discorreu mais durante a conferência. O restante da conferência foi dedicado à discussão de programas e de disciplinas nas faculdades e nos departamentos de educação, bem como foi abordada a relação entre a Igreja e o Estado (SOCIEDADE DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 1968, p. 2). Os objetivos formais da referida sociedade, a qual pretendia tomar a toda Inglaterra como objeto de pesquisa, foram enunciados como sendo incentivos ao estudo de história da educação, para criar oportunidades para a discussão entre aqueles envolvidos com seu estudo e com o ensino, para organizar conferências e encontros e publicar um caderno (McCULLOCH, 2007). A consolidação e o desenvolvimento da Sociedade de História da Educação foram indicadores significativos de que esse campo de pesquisa estava organizado em nível nacional em termos de profissionalização.

A Sociedade de História da Educação Britânica estava enraizada em novos parâmetros de ensino, pelo menos na mesma proporção em que estava na pesquisa. Ela estava associada às preocupações dos educadores, lotados em departamentos de educação e em faculdades de educação, bem mais que aqueles historiadores que estavam lotados em departamentos de história de universidades. William Richardson afirma que havia uma dicotomia no campo de história da educação entre as culturas, historiadores de um lado e educadores de outro lado (RICHARDSON, 1999). De acordo com esse ponto de vista, baseado em conhecimento aplicado, preocupações profissionais e assuntos contemporâneos têm sido distintos da disciplina de história, a qual tem se preocupado somente com o estudo acadêmico do passado. Contudo, os primeiros líderes da Sociedade, tais como,

Armytage, Charlton and Simon could engage with historians and educationalists alike (McCulloch 2007, pp. 3-4). The Society's regular newsletter, or 'bulletin', attempted to draw these together from its launch in 1968. Moreover, the Society's new journal, entitled simply History of Education, set out to articulate a broader research mission. The first issue of the journal, published in 1972, included an essay by the leading social historian Asa Briggs, who defined the history of education as being 'part of the wider study of the history of society, social history broadly interpreted with the politics, the economics and, it is necessary to add, the religion put in' (Briggs 1972, p. 1).

History of Education prospered in the 1990s and in the early 21<sup>st</sup> century. From its early beginnings in 1972, it became more firmly established when the publishers Taylor and Francis Ltd took over its publication in 1975, and it benefited from stable editorial regimes under first Kenneth Charlton and then Roy Lowe. From 2000 the journal was published six times a year. It also reflected an increasingly specialized research field. Before the 1970s, historians of education had often published in general historical journals such as Past and Present (see for example Simon J. 1977) and also in generic educational journals like the British Journal of Educational Studies (McCulloch 2002). With the development of specialist journals in the field, interventions in these broader forums became less frequent. As Goodman and Grosvenor have observed, historians of education have tended 'to publish predominantly in specialized journals and for a pre-determined audience' (Goodman and Grosvenor 2009, p. 616). The existence of specialist societies in the history of education could also lessen regular involvement in associations with a broader orientation.

### Conclusions

History of education research has developed in England over the years through debate and contestation around the significance of education in modern societies, and in the broader context of educational and social change. It has itself reflected these changes and adapted accordingly. The older tradition of textbooks on educational and social progress remains present and active in the field, but research is in the main more specialised and critical in its approach, and more open to theoretical and methodological developments, than it was forty or even twenty years ago (McCulloch 2011). It has become an increasingly professionalised and specialised field of research, with an organised infrastructure based on a national society and a research journal rooted in Britain. Future developments in research are likely to have a close relationship with continuing changes in the nature and purposes of education. The health and vitality of the research field will depend on how far it is able to sustain itself as a vigorous concern in its own right, while also engaging with broader developments in history and the social sciences as it has done in the past.



Armytage, Charlton e Simon, puderam se engajar com historiadores e educadores de maneira semelhante (McULLOCH, 2007, p. 3-4). O boletim informativo regular da Sociedade, ou o “boletim”, procurou representar essa função a partir de 1968. Além disso, a nova revista da Sociedade, intitulada História da Educação, começou a articular um programa de pesquisa mais amplo. O primeiro número dela, publicado em 1972, incluía um texto de educação como “parte de um amplo estudo de história da sociedade, história social interpretada de maneira ampla, com política, economia e, é necessário acrescentar, com religião” (BRIGGS, 1972, p. 1).

História da Educação prosperou na década de 60 e no início do século XXI. Desde seu início no ano de 1972, ela tornou-se bem estabelecida, quando os editores Taylor e Francis Ltd. assumiram sua publicação em 1975 e também se beneficiou de estabilidade de publicação primeiramente com Charlton e depois com Roy Lowe. A partir de 2000, a revista foi publicada 5 vezes por ano. Esse fato se refletiu na pesquisa no campo da história da educação. Antes da década 70, historiadores da educação publicavam em revistas de educação de natureza mais geral, tais como, Passado e Presente (cf. o exemplo de SIMMON J., 1977) e também em revistas genéricas de educação como Revista Britânica de Estudos Educacionais (McCULLOCH, 2002). Com o desenvolvimento de revistas especializadas na área, ficaram mais freqüentes intervenções nesses fóruns amplos. Como Goodman e Grosvenor observam, historiadores de educação passaram a “publicar em revistas especializadas e para uma audiência bem específica” (GOODMAN e GROSVENOR, 2009, p. 616). A existência de sociedades especializadas em história da educação pôde reduzir o envolvimento regular em associações de caráter geral.

### Conclusões

A pesquisa em história da educação desenvolveu-se na Inglaterra, ao longo dos anos, através do debate e da contestação acerca do significado da educação na sociedade moderna e em um contexto amplo de mudança social. Ela mesma tem absorvido e se adaptado a essas mudanças. Os manuais tradicionais sobre educação e progresso social continuam presentes e ativos na área, entretanto a pesquisa continua firme no aspecto crítico além de mais aberta a desenvolvimentos teóricos e metodológicos que havia há 20 anos (McCULLOCH, 2011).

Ela tem se profissionalizado e se especializado, com uma infraestrutura organizada à maneira da sociedade nacional e de revistas de pesquisa da Inglaterra. O desenvolvimento futuro na pesquisa deve manter uma relação próxima com as mudanças na natureza e nos fins da educação. A saúde e a vitalidade do campo de pesquisa dependerão do quanto for possível manter vigorosa vigilância sobre si mesma, enquanto envolvida com o desenvolvimento na história e nas ciências sociais, como tem sido feito nos últimos tempos.

## References / Referências

- ADAMSON, J.W. *A Short History of Education*. Cambridge: University Press, 1919.
- ADAMSON, J.W. *English Education 1789-1902*. Cambridge: University Press, 1930.
- ALDRICH, R. *The Institute of Education 1902-2002: A Centenary History*. London: Institute of Education, 2002.
- ALDRICH, R. Obituary: Kenneth Charlton: 1925-2008. *History of Education*, 38/5, 2009, p. 601-603.
- ANON [Simon] Book notes. Educational pioneers “Interpreted”. *Educational Bulletin*, March/April, 1953, p. 11.
- BALFOUR, G. *The Educational Systems of Great Britain and Ireland*. Oxford:, Clarendon Press, 1903.
- BRIGGS, A. The study of the history of education’. *History of Education*, 1/1, 1972, p. 5-16.
- CLARKE, F. *Education and Social Change: An English Interpretation*, Christian News-Letter Books. n. 3. London: Sheldon Books, 1940.
- CROOK, D.; ALDRICH, R. (eds). *History of Education for the Twenty-first Century*. London: Bedford Way Papers, Institute of Education, 2000.
- CROOK, D.; RAFTERY, D. ‘Editorial’, *History of Education*, 38/1, 2009, p. 5-7.
- CUNNINGHAM, P; MARTIN, J. (eds). ‘Brian Simon’, special issue of *History of Education*, 33/5, 2004.
- CURTIS, S.J. *History of Education in Great Britain*. London: University Tutorial Press, 1948.
- DEPAEPE, M. ‘What kind of history of education may we expect for the twenty-first century? Some comments on four recent readers in the field’, *Paedagogica Historica*, 2003, p. 187-98.
- GOODMAN, J.; GROSVENOR, I. Educational research – history of education a curious case? *Oxford Review of Education*, 35/5, 2009, p. 601-16.
- GOODMAN, J.; MARTIN, J. Editorial: History of Education – defining a field. *History of Education*, 33/1, 2004, p. 1-10.
- GOODMAN, J. MCCULLOCH, G.; RICHARDSON, W. (eds). *Social Change in the History of British Education*. London: Routledge, 2002.
- GORDON, P; SZRETER, R. Introduction. In: GORDON, P; SZRETER, R. (eds). *History of Education*, 1989a, p. 1-18.
- GORDON, P; SZRETER, R. (eds). *History of Education: The Making of a Discipline*. London: Woburn, 1989b.
- HISTORY OF EDUCATION SOCIETY. Editorial. *History of Education Society Bulletin*, 1, 1968, p. 2.
- JUDGES, A.V. (ed). *Pioneers of English Education*. London: Faber and Faber, 1952a.

- JUDGES, A.V. Introduction. In: JUDGES, A. V. (ed). *Pioneers of English Education*. London: Faber and Faber, 1952b, p. 9-41.
- LEACH, A. Some Results of Research in the History of Education in England with Suggestions for Its Continuance and Extension, British Academy. London, (Conferência apresentada em 25/11/1914), 1917).
- LOWNDES, G.A.N. *The Silent Social Revolution: An Account of the Expansion of Public Education in England and Wales 1895-1965*. 2. ed. Oxford: Oxford University Press, 1937/1969.
- McCULLOCH, G. Disciplines contributing to education?: Educational studies and the disciplines. *British Journal of Educational Studies*, 50/1, 2002, p. 100-119.
- McCULLOCH, G. (ed). *The Routledge Falmer Reader in the History of Education*. London: RoutledgeFalmer, 2005a.
- McCULLOCH, G. The history of education in England: the state of the art. *Annali di Storia dell'Educazione e delle Istituzioni Scolastiche*, 12, 2005, p. 269-79.
- McCULLOCH, G. Forty years on. *History of Education*, 36/1, 2007, p. 1-15.
- McCULLOCH, G. A people's history of education: Brian Simon, the British Communist Party, and *Studies in the History of Education, 1780-1870*, *History of Education*, 39/4, 2010, p. 437-57.
- McCULLOCH, G. *The Struggle for the History of Education*. London: Routledge, 2011.
- RATTANSI, A.; REEDER, D. (eds). *Rethinking Radical Education: Essays in Honour of Brian Simon*. London: Lawrence and Wishart, 1992.
- RICHARDSON, W. (1999) 'Historians and educationists: the history of education as a field of study in post-war England', Part I, 1945-72, Part II, 1972-96, *History of Education*, 28/1, 1999, p. 1-30, e 28/2, p. 109-41.
- SIMON, B. *Studies in the History of Education, 1780-1870*. London: Lawrence and Wishart, 1960.
- SIMON, B. *Education and the Labour Movement, 1870-1920*, London: Lawrence and Wishart, 1965.
- SIMON, B. *The Politics of Educational Reform, 1920-1940*. London: Lawrence and Wishart, 1974.
- SIMON, B. *Education and the Social Order, 1940-1990*. London: Lawrence and Wishart, 1991.
- SIMON, B. *A Life in Education*. London: Lawrence and Wishart, 1998.
- SIMON, J. 'The history of education in *Past and Present*', *Oxford Review of Education*, 3/1, 1977, p. 71-86.4

Recebido em Abril de 2011  
Aprovado em Maio de 2011